



DO HOMOAFETIVO LITERÁRIO AO REAL: ANÁLISE DE LIVROS LITERÁRIOS INFANTO-JUVENIS COM A TEMÁTICA DO PRECONCEITO.

Sara Regina de Oliveira Lima (PIBID - UESPI)
sarialima.r@hotmail.com

Sislanne Felsan Cunha (MONITORIA – UFPI)
sisfelsan@hotmail.com

Lina Maria Santana Fernandes (Prof. Ms. Orientador – UFPI)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir acerca do cenário literário homoafetivo direcionado ao público infanto-juvenil brasileiro. Este constitui-se em uma pesquisa bibliográfica que tem como finalidade um direcionamento prévio a respeito da sexualidade humana, estereótipos de gênero e seus diferentes aspectos no decorrer da história. Esta discussão tem como aparato teórico Fry (1985), Sell (1887), Louro (2010) a fim de posteriormente analisarmos os livros *É proibido Miar* (2009) de Pedro Bandeira e *Meus dois pais* (2010) de Walcyr Carrasco, onde ambas as obras abordam a homossexualidade. As análises realizadas vieram nos mostrar que o uso da literatura homoafetiva para o público infanto-juvenil é um recurso bastante rico para a ampliação de conhecimento a respeito das diferenças existentes em nossa sociedade, como também para a formação de um pensamento crítico para os pequenos leitores tanto no conviver em sociedade como no próprio se sentir diferente.

PALAVRAS-CHAVE: literatura infanto-juvenil, homossexualidade, preconceito.

INTRODUÇÃO

A elaboração deste trabalho se deu a partir da necessidade enquanto estudantes do campo educacional de se conhecer a respeito da abordagem literária homoafetiva para o público infanto-juvenil. Os estudos bibliográficos como também a análise das obras nos possibilitaram a ampliação de conhecimento a respeito da sexualidade e das diferenças existentes em nossa sociedade, visto que vivemos em uma sociedade heterossexualidade como o padrão.

Nesta perspectiva, este trabalho fundamenta-se através dos autores, Fry (1985), Sell (1887), Louro (2010) que abordam em suas obras vários aspectos que contribuem com o entendimento a respeito da sexualidade humana, estereótipos de gênero e seus diferentes aspectos no decorrer da história.

A produção deste trabalho tem por objetivo refletir acerca do cenário literário homoafetivo direcionado ao público infanto-juvenil brasileiro. Assim, foi realizada uma análise literária de dois livros infanto-juvenis brasileiros para conhecermos um pouco mais da realidade do tema discorrido neste trabalho.

ELEMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho caracteriza-se em uma pesquisa exploratória feita a partir da análise de livros de literatura infanto-juvenil brasileira que trabalham com o enfoque homoafetivo. Para realização deste, utilizamos como aparato teórico livros de diferentes autores, tais como Fry (1985), Sell (1887), Louro (2010), entre outros que tecem a respeito do tema já exposto.

Nossa pesquisa busca abordar os aspectos homoafetivos nos discursos literários das histórias presentes nas obras infanto-juvenis selecionadas para análise. Para coleta de dados, realizamos consultas no meio virtual (internet), buscando informações da existência de obras literárias infanto-juvenis homoafetivas escritas por autores brasileiros.

Este levantamento nos trouxe o conhecimento de 13 obras literárias, entre os anos 1997 a 2013, onde estas serão catalogadas no decorrer do trabalho. Desta forma, neste levantamento foi realizada uma breve análise das informações explicitadas nas sinopses dos livros encontrados, para que em seguida fossem selecionadas 02 obras literárias para a realização de uma análise mais detalhada e exploratória da temática em questão.

A SEXUALIDADE HUMANA: ESTEREOTIPOS DE GÊNERO

A sexualidade e suas manifestações estão diretamente ligadas à condição humana e esta não está excluída do âmbito infantil. Em meados do século XIX Sigmund Freud já afirmava que as crianças possuem sexualidade e que a mesma se desenvolve através de fases, descritas por ele em sua teoria da sexualidade humana. Seguindo a mesma perspectiva, Sell (1987) afirma que desde cedo o indivíduo já vai moldando a sua identidade sexual onde esta se encontra em constante relação com seu íntimo e as expectativas sociais.

A sociedade é em sua formação normativa posicionada a legitimação de estereótipos de gêneros e de representações de sexo já estabelecidos em uma “sexualidade normal” (hetero) e marginaliza qualquer outra forma de relação que não se estabeleça nesses padrões, caracterizada pela heteronormatividade, que julga os indivíduos de acordo com o padrão biológico de reprodução sexual humana. No entanto, a diferenciação entre o que se pode nomear como feminino e masculino não está ligada a anatomia dos corpos e sim a questões libidinosas, onde os sexos obtém desejo.

A distinção dos modelos homem e mulher não deve, portanto, criar ilusões. Um corpo com caracteres masculinos não indica que o sujeito esteja em uma posição masculina, nem tampouco que as características biopolíticas femininas definem uma mulher. Feminino/masculino são posições de gozo que se instituem nos seres - homens e mulheres - pelo modo que se inscrevem, como sujeitos, na função fálica. (Grossi et al, 2005, pg. 29)

Percebemos que os papéis sexuais são forjados socialmente onde as práticas sexuais dependem do contexto e da cultura. O entendimento conceitual do que vai ao oposto da normatividade reprodutiva, a homossexualidade, depende do local e da época, pois como afirma Fry (1985) ela tem um sentido na Grécia Antiga, outro na Europa do fim do século XIX, outro sentido ainda entre os índios Guaiáqui do Paraguai, ou seja, a ideia sobre a homossexualidade é construída através da cultura e tempo, dentro das sociedades.

Somente a partir do século XIX e nas sociedades industrializadas ocidentais, é que se desenvolveu uma categoria homossexual distintiva e uma identidade a ela associada (Louro, 2010, p. 65). O modelo homossexual que emergiu no século XIX, segundo Louro (2010), tentou explicar mulheres e homens homossexuais nos mesmos termos, considerando que ambos tivessem causas e características semelhantes.

Com o crescimento dos espaços urbanos a partir do século XVIII e assim a crescente complexidade e diferenciação social, a partir do último século, forneceu-se uma oportunidade crítica para a evolução das identidades homossexuais deste século. (...) Na medida em que a sociedade civil nos países ocidentais se torna mais complexas, mais diferenciadas, mais autoconfiantes, as comunidades lésbicas e gays tem se tornado uma parte importante dessa sociedade. (...) A existência de identidades lésbicas e gays positivas simboliza a pluralização cada vez mais crescente da vida social e a expansão da escolha individual que esta oferece. (LOURO, 2010, p. 69)

A sociedade é composta de um multipluralismo cultural, onde não existe uma concepção única, cada indivíduo mesmo vivendo em um mesmo núcleo social, compartilha de diferentes ideias e preceitos, e manter a garantia do respeito entre ambas às pluralidades se faz necessário para uma vida social harmônica. Porém, “mesmo com as grandes transformações dos costumes e valores que vêm ocorrendo nas últimas décadas ainda persiste muitas discriminações, por vezes, encobertas, relacionadas ao gênero” (PCN’s: pluralidade cultural – orientação sexual, 2000, p. 144).

A LITERATURA HOMOAFETIVA PARA O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL NO BRASIL

Atualmente, com o avanço dos espaços urbanos e assim existir uma aglomeração de diferentes tipos de pessoas, culturas e opções, cresceu o número de literaturas para os mais variados públicos, trazendo à tona diversas temáticas, como as que tratam da tentativa de inibir o preconceito. Nos parâmetros curriculares nacionais (2000), aponta-se que embora haja nas últimas décadas grandes transformações culturais, a discriminação frente às minorias ainda persiste nas relações humanas. Assim, o contato com notícias e obras literárias deste contexto apresentam-se como boas formas de disseminar valores e atitudes relacionadas com a questão.

O uso de recursos literários destinados ao público infanto-juvenil é uma forte ferramenta para driblar preconceitos e discriminações por conta das diferenças. Faz com que os leitores adquiram um novo olhar a respeito do que é diferente, tanto no conviver em sociedade como no próprio se sentir diferente dos demais.

A literatura infanto-juvenil homossexual tem um caráter não só de entretenimento, mas também formativo, pois enquanto a criança ou até mesmo os adultos tem contato com aquela história confronta-se com as ideias pré-absorvidas ao contato em social. Para Palo, o livro é:

Mais um produto através do qual os valores sociais passam a ser veiculados, de modo a criar para a mente da criança hábitos associativos que aproximam as situações imaginárias vividas na ficção a conceitos, comportamentos e crenças desejadas na vida prática, com base na verossimilhança que os vincula. (Palo, 2006, p. 7)

Ou seja, a leitura possibilita a socialização do que é real. A literatura é uma forma simples de tratar assuntos possivelmente complexos, possibilitando assim o desenvolvimento de um leitor crítico informado e acima de tudo consciente.

Os livros que apresentaremos a seguir são alguns exemplares de autores brasileiros que abordam de maneira prática a temática trabalhada nesse artigo.

QUADRO DE LIVROS ENCONTRADOS COM A TEMÁTICA HOMOAFETIVA 1997 – 2013

Item	Título	Ano	Autor (a)	Editora
1	O amor não escolhe sexo	1997	Giselda Laporta	Moderna
1	O gato que gostava de cenoura	1999	Rubem Alves	Loiola
2	Menino ama menino O menino que brincava de ser	2000	Marilene Godinho Georgina da Costa Martins	Armazém das ideias DCL
1	Menino brinca de boneca?	2001	Marcos Ribeiro	Moderna
1	Katita: tiras sem preconceito	2006	Anita Costa	Marca de fantasia
3	Era uma vez um casal diferente É proibido de Miar Por que não consigo gostar dela?	2009	Lúcia Facco Pedro Bandeira Anna Cláudia Ramos	Summus Moderna Coleção Bem me quer
3	Eu tenho duas mães Meus dois pais Olívia tem dois pais	2010	Marcu Marlelli Walcyr Carrasco Marcia Leite	In house Ática Cia das letrinhas
1	Mamães e papais	2013	Emerso Machado	Aaatchint

Fonte: Desenvolvido pelas autoras.

ANÁLISE DAS OBRAS: *É PROIBIDO MIAR E MEUS DOIS PAIS*

O livro *É proibido Miar* (2009) é uma narrativa de Pedro Bandeira que trata de preconceitos, escolhas e estereótipos sociais, em que o próprio autor descreve sua obra como:

Protesto contra todas as proibições, contra todas as imposições que nos mandam gostar disso e não gostar daquilo, que nos mandam usar coisas que a gente não quer usar e tentam nos convencer de que gostar daquilo que a gente gosta é de mau gosto. (BANDEIRA, 2009, p. 48).

De início, o autor nos apresenta Bingo, o cão mais sapeca e carinhoso de sua família, e segue a descrever a personalidade de seu personagem central. Comumente ligado ao que nossa sociedade está imersa, uma imagem delicada assim como a que o animal apresenta é vista cotidianamente como um 'desvio' comportamental que por sua vez é adjetivado corriqueiramente como 'alegrinhos', 'fresquinhos', 'carinhosos' ou 'meninhas'. É evidente ao ler a narrativa que o personagem Bingo carrega boa parte dos estereótipos enfrentados pelas pessoas (neste caso homens) que fogem dos padrões heteronormativos, onde uma vez que dar-se início a leitura e observemos cada momento vivenciado pelos personagens encontramos forte relações com a realidade.

A ideia de naturalização de determinados comportamentos em torno das masculinidades e das feminilidades esta amplamente incorporada em nossa sociedade (...); Tais comportamentos, percebidos de forma essencializada (meninos são mais agitados, agressivos, meninas são mais meigas, passivas; meninos devem gostar de determinadas coisas, meninas de outras), estão pautados por relações de poder entre sexos desde a infância. (Coleção educação para todos, vol. 32, 2009, p. 147 apud FELIPE e GUIZZO, 2002)

Logo no primeiro passeio já era notável as diferenças que Bingo apresentava em comparação aos seus irmãos, pois ao encontrar um vira-lata vagabundo em uma esquina, seu Bingão e toda sua família rosnaram para o cão enfrentando-o, "... menos pelo Bingo. Sacudindo o rabo, o cachorrinho correu até o vagabundo, deu-lhe umas lambidinhas e ficou fazendo o seu *iap-iap* enquanto corria em volta convidando o novo amigo para brincar." (BANDEIRA, 2009, p. 13). Neste dia pela primeira vez o pai de Bingo sentiu muita vergonha de seu filho. "Como é que vou olhar para a cara do Fritz, aquele pastor alemão cheio de raças, pedigrees e não sei mais o quê?" (BANDEIRA, 2009, p. 13) era só o que o seu Bingão conseguia pensar. Esse é outros aspectos bastante presente na figura paterna, ter um filho que tenha comportamentos que desviam dos padrões de masculinidade trazem pra si um sentimento de vergonha, como se de alguma forma as atitudes de seu filho ferisse sua virilidade bravamente, onde todos a sua volta iriam pensar o mesmo.

"Desde que nascemos instâncias sociais fazem muitos investimentos para que nos tornemos como o "modelo" de masculinidade e feminilidade normatizados ou, ao menos, nos aproximemos dele". (Coleção educação para todos, vol. 32, 2009, p. 142). Bingo era um cão vira-lata e todos esperavam que ele se comportasse como tal. No entanto, desde cedo o

cãozinho apresentava características diferentes, como o apreço pelo miar, desde o dia que se viu maravilhado pelo vizinho gato que morava em seu telhado. Desde então, Bingo não pensava em nada mais a não ser daquele forte miado que parecia libertador. Pedro Bandeira (2009, p. 17) mostrou que o miado foi tão significativo para o cãozinho que tomou todos os espaços que deveriam ser preenchido pelo forte latir de seu pai Bingão em sua cabecinha. A partir daí, Bingo passou a perceber mesmo que involuntariamente que nada da vida de cão poderia ser mais encantador que a vida feliz e livre de ser um gato, Bingo havia ali constituído a sua identidade; identidade esta que pode desencadear vários conflitos, como bem sabemos que acontece para aqueles que decidem viver da forma que se sentem mais felizes, se despreendendo dos padrões impostos para serem fiéis às suas vontades, afinidades e prazeres.

Sell (1987) evidencia em seu livro *Identidade homossexual e normais sociais*, que no momento em que a orientação sexual é colocada à tona, a vida do ser se torna vulnerável, pois a partir desse momento todas as expectativas da sociedade se voltam sobre o seu comportamento. E foi assim com o primeiro miado de Bingo gerou um grande alvoroço, pois foi ali que todos que presenciaram tal atitude decretaram que ele realmente era diferente dos demais, tendo como produto o abandono. Os pais do cãozinho viram que a única solução para aquele problema era a exclusão de Bingo do seio familiar deixando-o ser levado para o canil municipal.

Esse abandono não reflete apenas as expectativas do núcleo familiar; a sociedade em si espera que cada componente social cumpra o contrato de heteronormatividade. O personagem Bingo foi colocado à margem do respeito no canil, sofrendo agressões físicas pelo simples ato de miar. Os cachorros ali também não admitiam que o filhote miasse, pois apesar de serem vagabundos e sujos se diziam cachorros de verdade.

Essa vontade de normalidade nos acompanha desde a infância, visto que vivemos uma cultura que tende a padronizações, que define os modos de ser corretos e os que são desviantes. (Coleção educação para todos, vol. 32, 2009, p. 144).

A obra *É proibido miar* de Pedro Bandeira mostra-se uma bastante crítica a respeito do ser diferente frente ao preconceito e a intolerância as diferenças, constituindo-se como uma mimese da realidade.

A literatura homoafetiva é abordada no livro de Pedro Bandeira de forma metafórica. Nela o autor vai dando pinceladas intencionais para trabalhar a temática do preconceito por parte dos outros em relação aos que se opõem aos padrões sociais. No livro *Meus dois pais* (2010), de Walcyr Carrasco, diferentemente da composição em *É proibido Miar*, o autor trata sob a mesma ótica, porém vai colocando de forma bem mais explícita a questão da orientação sexual de dois de seus personagens.

Walcyr Carrasco já bastante conhecido por tratar de temas considerados polêmicos, não só em seus materiais impressos, como também nas dramaturgias televisivas. Em parceria com a série de livros *Todos Juntos* da editora Ática, que tem como foco retratar em suas obras histórias que possam ajudar crianças leitoras a enfrentar questões delicadas e superá-las, Carrasco em seu livro *Meus dois pais*, contextualiza a problemática da aceitação e preconceito no que diz respeito à união homoafetiva. Naldo, o personagem principal da obra, mora com seu pai e sua mãe, porém a relação não estava muito boa, brigas, discussões e desentendimento estavam desgastando o relacionamento até que decidiram pela separação. No desenrolar da obra, a mãe de Naldo recebe uma promoção no trabalho e necessita se mudar para outra cidade, mas teme que isso atrapalhe os estudos do garoto e procura uma solução mais inteligente para resolver aquela situação. O pai de Naldo propõe ficar com o garoto, porém a mãe de Naldo se sente desconfortável com a ideia devido Cláudio, pai do menino, estar vivendo um romance homoafetivo. Não vendo alternativa, aceita deixar Naldo sob os cuidados de seu pai.

Antes mesmo da aprovação de uma lei que favorecesse a união estável civil homossexual, Walcyr Carrasco já propõem a temática da criação de uma criança por pessoas do mesmo sexo, sendo estes seu pai Cláudio e seu companheiro Celso. O autor apresenta como seria a vida familiar nessa estrutura, desmistificando o pensamento errôneo e preconceituoso de grande parte da sociedade. Na obra apresenta-se uma realidade bastante feliz e regrada como qualquer outra família tradicional bem estruturada. Naldo era tão bem cuidado que até mesmo os seus amigos ficavam para trás quando a questão era acompanhamento escolar, pois seu pai e Celso estavam sempre presentes nas reuniões de pais e mestres demonstrando preocupados e comprometidos com a educação do menino.

A união estável homoafetiva foi aprovada mediante um documento intitulado ADPF 132 pelo Supremo Tribunal Federal um ano depois da publicação da obra, e a partir desta data casais homoafetivo puderam regozijar dos meus direitos que um casal hetero possui, como o

direito de constituir uma família por adoção. Neste documento confere a garantia do termo *família* também ser aplicado pela união de casais homoafetivos.

O caput do art. 226 confere à família, base da sociedade, especial proteção do Estado. Ênfase constitucional à instituição da família. Família em seu coloquial ou proverbial significado de núcleo doméstico, pouco importando se formal ou informalmente constituída, ou se integrada por casais heteroafetivos ou por pares homoafetivos. A Constituição de 1988, ao utilizar-se da expressão “família”, não limita sua formação a casais heteroafetivos nem a formalidade cartorária, celebração civil ou liturgia religiosa. Família como instituição privada que, voluntariamente constituída entre pessoas adultas, mantém com o Estado e a sociedade civil uma necessária relação tricotômica. (BRASIL, 2011, p. 3)

Podemos observar em *Meus dois pais* como a natureza sexual do casal não determina a dinâmica familiar, onde o fato do garoto ser criado por pessoas do mesmo sexo não interfere em sua educação, mas infelizmente esse não era o pensamento das mães dos amigos de Naldo. O menino ao estar sob os cuidados do pai e seu companheiro passa a receber olhares diferentes e é em um destes momentos que a sexualidade de seu pai até então desconhecida por Naldo vem a tona, quando o menino resolve convidar dois amigos da escola para realizar um trabalho de grupo em sua casa, e recebe uma resposta negativa.

- A minha mãe me proibiu de ir no seu apartamento - disse o Fê.
Fiquei chateado. Quis saber o motivo.
- É por causa do seu pai.
O Fê se afastou sem querer falar muito. Fui atrás.
- O que meu pai tem de errado?
Os dois ficaram sem jeito, até que o Fê disparou:
- Seu pai é gay, Naldo! (CARRASCO, 2010, p. 21)

É indiscutível que o ambiente escolar ainda é uma arena de muitos preconceitos e discriminações contra filhos e filhas de gays ou lésbicas, visto como (...) perigosos para as outras crianças. (Coleção educação para todos, vol. 32, 2009, p. 172). Para os amigos de Naldo, a atitude de seus pais em não deixa-los ir á casa era bastante óbvia e justa, e não viam nenhum mal nisto. E para Naldo não foi diferente, o menino ficou chocado com a justificativa que seu amigo o dera.

Já tinha ouvido falar de gays. Havia um colega de classe no ano passado de quem todo mundo caçoava. Ameaçavam até bater nele. Chamavam ele de gayzinho, porque falava de um jeito mais delicado. Mas meu pai? Não podia ser! (CARRASCO, 2010, p. 22).

Naldo passou a sentir muita vergonha do pai, lembrava-se por vezes o quanto foi deixado de lado por seus amigos, dos cochichos na escola, do receio de sua família em deixá-lo morar com o pai e cada vez mais crescia a raiva por Celso. Para o garoto, Celso havia estragado a vida deles.

Na escola, estudantes que vêm de estruturas familiares não convencionais geralmente são submetidos a situações embaraçosas, para não dizer constrangedoras e mesmo aterrorizadoras. (...) O risco é que a criança se veja esmagada (...) decorrente do assédio moral e psicológico derivado da homofobia dirigida a seus pais e mães. (Coleção educação para todos, vol. 32, 2009, p. 172)

O tempo foi passando e o garoto já morando com sua avó recebe a visita de sua mãe em seu aniversário. Após algumas conversas descobre o quanto seu pai o ama e que o mais importante para uma família não é a orientação sexual de seus pais e sim o amor e carinho que sentiam por ele.

Considerações finais

Ao estudarmos e aprofundarmos no tema intitulado “Do homoafetivo literário ao real: análise de livros literários infanto-juvenis com a temática do preconceito” percebemos a relevância em nossa formação onde este trabalho nos possibilitou a ampliação de conhecimento a respeito das diferenças existentes em nossa sociedade.

Uma vez que trabalhar com questões sociais é de suma importância para formar cidadãos crítico, o uso de recursos literários destinados ao público infanto-juvenil é uma forte ferramenta para driblar preconceitos e discriminações por conta das diferenças. Nas obras encontradas observamos que seus autores tomam cuidados para que os pequenos leitores adquiram esse novo olhar a respeito do que é diferente, tanto no conviver em sociedade como no próprio se sentir diferente dos demais.

A literatura infanto-juvenil homoafetiva tem um caráter não só de entretenimento, mas também formativo, pois enquanto a criança ou até mesmo os adultos tem contato com aquela história/estórias confronta-se com as ideias pré-absorvidas no contato social e começam a enxergar outra realidade aprendendo a respeitar as diferenças e compreender diferentes manifestações sexuais.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Pedro. **É proibido miar**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2009

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural – orientação sexual** / Secretaria da Educação Fundamental. – 2 ed. – Rio de Janeiro DP&A, 2000.

_____. **Tribunal de Justiça Federal: ADPF 132**. Rio de Janeiro: Coordenadoria de Análise de Jurisprudência, 2011. Disponível em: <<http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=628633>>. Acesso em: 6 maio. 2014.

CARRASCO, Walcyr. **Meus dois pais**. São Paulo: Ática, 2010.

Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas/ Rogério Diniz Junqueira (organizador). - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

FRY, Peter. **O que é homossexualidade** / Peter Fry e Edward MacRae. - São Paulo : Abril Cultural : Brasiliense, 1985.

GROSSI [et al.]. **Movimentos sociais, educação e sexualidade** / organizadoras, Miriam Pillar Grossi [et al.]. - Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. Ed – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista** / Guacira Lopes Louro – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MOTT, Luiz. **Homossexualidade: Mitos e Verdades**. Salvador, Editora Gay da Bahia, 2003.

_____. **Matei porque odeio gay** / Luiz Mott, Marcelo Cerqueira. - Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2003

SELL, Teresa Adada. **Identidade homossexual e normas sociais : histórias de vida** / Teresa Adada Sell. - - Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.